

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Instituto de Filosofia e Teologia

Teologia

Vicente Henrique Alves Oliveira

“E DEUS SE FEZ SURDO”: A inculturação da liturgia na pastoral do surdo

Belo Horizonte

2022

Vicente Henrique Alves Oliveira

“E DEUS SE FEZ SURDO”: A inculturação da liturgia na pastoral do surdo

Projeto apresentado no Programa de Iniciação Científica, no curso XXX de Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Número do Projeto: PIBIC/FAPEMIG 2022/28671

Orientador: Danilo Cesar dos Santos Lima

Belo Horizonte

2022

“E Deus se fez surdo”: a inculturação da Liturgia na Pastoral do Surdo

Vicente Henrique Alves Oliveira¹

RESUMO

A Liturgia cristã tem como uma de suas funções introduzir o fiel na experiência mais íntima com Deus. Convidado a ter uma vivência do mistério de Cristo, ele tem na Liturgia uma das fontes da revelação. Isto se dá no seu modo de orar, através de ritos, que se constituem por meio de atos e palavras (SC 48; DV 2), interagindo no modo próprio de um povo, o qual estabelece sua intimidade perante o memorial da salvação. Neste artigo busca-se compreender um destes diversos modos de orar, baseado na cultura e na necessidade de um povo que traz consigo um perfil muito particular, e tem ganhado destaque a cada dia no Brasil: a comunidade surda. A presente pesquisa propõe-se buscar uma compreensão a respeito da inculturação da Liturgia em relação ao povo surdo.

Palavras-chave: Liturgia; Inculturação; Pastoral do Surdo; Libras; Surdez.

RESUMEN

La liturgia cristiana tiene como una de sus funciones introducir al creyente en la experiencia más íntima con Dios. Invitado a vivir el misterio de Cristo, encuentra en la liturgia una de las fuentes de revelación. Esto se manifiesta en su forma de orar, a través de ritos que se constituyen en actos y palabras (SC 48; DV 2), interactuando de acuerdo con el modo propio de un pueblo que establece su intimidad ante el memorial de la salvación. En este artículo, se busca comprender uno de estos diversos modos de orar, basado en la cultura y en la necesidad de un pueblo que lleva consigo un perfil muy particular, y que ha ganado relevancia cada día en Brasil: la comunidad sorda. La presente investigación tiene como objetivo buscar una comprensión acerca de la inculturación de la liturgia en relación con el pueblo sordo.

Palabras clave: Liturgia; Inculturación; Pastoral de Sordos; Lengua de Señas Brasileña (Libras); Sordera.

¹ Graduado em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Graduando em teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

1 INTRODUÇÃO

A Liturgia, como *theologia prima*² introduz o fiel e a comunidade participante na experiência íntima com Deus. Este, portanto é convidado a viver a autorrevelação de Deus a seu povo. Já há algum tempo a Igreja Católica no Brasil, vem buscando meios de expressar sua cultura e vivência do Mistério Pascal de Cristo nas diversas realidades. Porém, constata-se que a comunidade surda necessita de um olhar mais particular e atento, já que sua língua vernácula é, diversas vezes, desconhecida no âmbito eclesial, o que implica um distanciamento em sua vivência e imersão no mistério salvífico.

Neste artigo busca-se compreender um destes diversos modos de orar, baseado na cultura e necessidade do povo surdo que traz consigo um perfil cultural muito particular em sua comunidade, visto que sua cultura se encontra enraizada na primeira língua deste povo, a língua de sinais. Portanto, a presente pesquisa propõe-se buscar uma compreensão a respeito da inculturação da Liturgia em relação ao povo surdo. A elaboração deste trabalho contou com pesquisas bibliográficas, como também observações litúrgicas em duas realidades pastorais diferentes, e pesquisas ao acervo da CNBB acerca da história e documentação da Pastoral do Surdo no Brasil.

O presente artigo é constituído de duas partes: a primeira será voltada a eclesiologia da pessoa surda, ou seja, qual o contato dos surdos com a Igreja e com a autorrevelação de Deus a partir de sua língua vernácula. Ainda na primeira parte falaremos de aspectos introdutórios sobre a inculturação litúrgica, tendo como base Anscar Chupungco³, seguido de uma explanação acerca da comunidade surda trazendo reflexões de Karin Strobel⁴. Na segunda parte falaremos numa abordagem sobre a inculturação da Liturgia na LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), buscando registrar práticas e vivências já presenciadas nas comunidades eclesiais e que cobram uma maior visibilidade e compreensão.

Visando o pressuposto da importância da língua vernácula nos ritos litúrgicos, este artigo tem como escopo buscar compreender e apresentar a necessidade da inculturação dos ritos na língua vernácula da comunidade surda, inserindo sua riqueza linguística e cultural na tradução das diversas celebrações e sacramentos.

² Tabora aborda a liturgia como um dos primeiros lugares teológicos visto que, expressar a fé por meio da liturgia é necessário para que a fé seja assimilada interiormente e passe às ações.

³ Anscar J. Chupungco († 2013), beneditino, foi diretor do Instituto Paulo VI de Liturgia (Filipinas) e professor de inculturação litúrgica no Pontifício Instituto Litúrgico (Roma).

⁴ Karin Lilian Strobel é professora, trabalhou durante 25 anos como professora de surdos em escolas de surdos na cidade de Curitiba-Pr e por 10 anos fez parte de equipe pedagógico de DEE/SEED (Secretaria de Educação do Paraná). Doutora na área de educação pela Universidade Federal de Santa Catarina UFSC, formada em pedagogia na UTP (Universidade Tuiuti do Paraná) e com especialização em área de surdez. Autora do livro: *As imagens do outro sobre a cultura surda*"

2 ÉFFATA: Ecclesiologia da pessoa surda

Atualmente, nota-se grande crescimento e destaque da cultura surda na sociedade brasileira, expandindo assim a inclusão dos surdos em vários âmbitos sociais. Há algum tempo, a comunidade surda vem buscando meios de expressar sua cultura e a vivência do Mistério Pascal de Cristo nas diversas realidades e, dentre elas, na liturgia da Igreja Católica, no Brasil. A cultura surda carrega consigo uma percepção diferente do mundo ouvinte, e por consequência, um modo particular de relacionar-se com o próprio Deus. Visto a grande necessidade deste povo, não somente de comunicação, mas também de ter consigo o sentido da vida em uma religião, percebe-se o aumento de pessoas surdas nas diversas realidades pastorais. Portanto, para compreendermos as necessidades pastorais da comunidade surda, é necessário compreender sua relação com Deus.

No primeiro capítulo do livro do Gênesis (Gn 1,2), percebe-se a proximidade de Deus para com sua criação, o homem, já que fomos feitos à sua imagem e semelhança. Logo, há certa sacralidade em todos os homens e mulheres perante a criação. Todos têm em si um pouco do Deus criador. Desse modo, a pessoa com deficiência também experimenta o Deus que se faz presente em sua comunidade.

Jesus traz consigo a máxima plenitude e a semelhança com o Pai e restaura com sua vida e missão, morte e ressurreição, essas prerrogativas da humanidade, principalmente em seus ensinamentos e compaixão pelos pobres, doentes e pessoas com deficiência. Logo, a pessoa surda encontra-se perante a este Deus numa acolhida especial, como preferida do Reino dos céus. A Campanha da Fraternidade de 2006, voltada a pessoa com deficiência, afirma que

Jesus se coloca diante da fragilidade humana, ele vê sua própria fragilidade. Ele se faz um de nós em tudo, e vive a fragilidade até o fim, até a morte, e morte de cruz. Ele se compadece da nossa fragilidade e vem ao nosso encontro na fraqueza, mostrando que Deus não despreza nossa “imperfeição”, mas nos salva através de nossa fragilidade [...]. (CNBB, 2005, p. 72)

Jesus faz-se excluído com os excluídos, frágil com os frágeis, surdo com a pessoa surda, compadecendo-se de suas fragilidades em sua máxima misericórdia. Tal compadecimento pode ser percebido nas diversas passagens em que o Cristo se encontra com aqueles que eram isolados socialmente e, dentro destes encontros, pode-se destacar o momento que Jesus cura um homem surdo (Mc 7,31-34), fazendo-o perceber sua palavra. Neste aspecto, há uma interpretação de Jesus que traz aqueles menos integrados para o meio da comunidade, para serem incluídos, e assim, serem tratados com verdadeira dignidade.

Jesus sempre teve o cuidado para incluir, sempre foi acessível e criou acesso. O caminho acessível é dinâmico e segue a dinâmica da vida humana: na imprevisibilidade, na vulnerabilidade, na diferenciação e nas conversões exigidas pela caminhada: “neste sentido, falar de Deus no caminho acessível [...] tem a ver com falar das pessoas com deficiência e dar visibilidade às necessárias condições de acessibilidade”. (CALANDREO; LEDO; BARBOSA, 2022, p. 147)

Nesta mesma perspectiva é necessário, à exemplo de Jesus e como continuadora de sua missão, que a Igreja dê assistência no caminho inclusivo para acolher e dar acessibilidade à pessoa com deficiência. No Diretório para a Catequese (DC 269) é apontado que a

preocupação da Igreja com as pessoas com deficiência nasce da ação de Deus, seguindo o princípio da encarnação do Filho de Deus, fazendo-se presente em todas as situações humanas. Assim a Igreja reconhece nas pessoas com deficiências o chamado à fé e à vida digna cheia de significados. E no Diretório Geral de Catequese (DGC 189) é abordado que toda comunidade cristã considera como pessoas prediletas do Senhor aquelas que, particularmente entre as crianças, sofrem com qualquer tipo de deficiência física ou mental e outras formas de dificuldades. Portanto, percebemos que a Igreja se insere como corresponsável pela inclusão e acessibilidade desses irmãos, visando a integração da fé daqueles que, embora excluídos, são prediletos no Reino de Deus. Disso decorre que a Igreja deve ser uma verdadeira casa da inclusão. Desse modo,

A Igreja – Povo de Deus e comunidade de cristãos – está aberta a todos que desejam encontrar e seguir a mensagem salvífica de Jesus Cristo. Por ser comunidade ela é inclusiva. Não só faz opção pelos empobrecidos, mas acolhe também os marginalizados e todas as pessoas com deficiência. Nesse sentido é que surge a Pastoral dos Surdos no Brasil. (PASTORAL DOS SURDOS, 2006, p. 21)

Por isso afirma,

Devemos nos esforçar para proporcionar condições de acesso para todas as pessoas que desejarem participar de nossas comunidades eclesiais. Também devemos ter consciência de uma Igreja militante que lute pelos direitos da pessoa com deficiência. (CALANDREO; LEDO; BARBOSA, 2022, p.146)

Tendo em vista esta abertura eclesial da Igreja com a pessoa surda, para que haja uma verdadeira acolhida desta comunidade, é necessário o conhecimento de sua cultura e de sua história no meio eclesial e, conseqüentemente, uma abertura ao mistério salvífico de Cristo, celebrado principalmente na Eucaristia, fonte de vida para a comunidade cristã.

2.1 Liturgia, inculturação e pastoral do surdo

A atual liturgia da Igreja tem como exigência máxima, a participação dos fiéis nas celebrações, de modo que eles sejam conduzidos por meio dos ritos e dos símbolos à comunhão com Cristo, em seu Mistério Pascal. Estes são convidados a ter uma vivência do mistério de Cristo a partir do seu contexto próprio. Isto se dá no seu modo de orar, através de ritos, que se constituem em gestos e palavras, incorporando a cultura de um povo, o qual estabelece sua intimidade perante o memorial da salvação. Tal modo de orar traz em seu interior experiências já tidas em âmbito eclesial, visto que na liturgia a assembleia tem papel crucial como participante ativa do mistério celebrado. Durante os séculos, com a evolução da Igreja, a assembleia também evoluiu o seu modo de ser, conviver e celebrar. Tais evoluções trazem grandes riquezas, mas também grandes desafios de inculturar o convívio do fiel com Deus, fazendo que ele se torne participante ativo daquilo que celebra.

O Concílio Vaticano II abriu realmente as portas daquilo que chamamos de inculturação, começando pelas “edições típicas” dos livros litúrgicos, ou seja, as edições-modelo escritas em latim, utilizadas para a tradução dos rituais para as Igrejas locais e para o uso nos processos de inculturação dos ritos litúrgicos. A partir da adaptação dos costumes de um povo na vivência litúrgica, a assembleia cria consciência do que celebra, tornando-se participante ativa dos ritos que são realizados em sua comunidade (SC 38-39).

2.1.1 A inculturação litúrgica

Para alcançar uma verdadeira consciência litúrgica na assembleia, o documento *Sacrosanctum Concilium* dá a entender a necessidade das diversas adaptações dos ritos às mentalidade e tradições dos povos (SC 21). O Concílio Vaticano II vê a necessidade do que trataremos por aqui do termo “adaptação” litúrgica, tratado por alguns liturgistas posteriores ao Concílio como inculturação. Porém Chupungco demonstra que os termos adaptação e inculturação não são exatos, mas flutuantes e passíveis de interpretações diversificadas. Ele afirma que o motivo pelo qual a comissão conciliar que usava o verbo *aptare*, trocar tal verbo por *accomodare*, pode ser explicado pelo desejo de encontrar um caminho intermediário ou um acordo característico em algumas seções do documento. Para o autor, adaptação refere-se ao programa geral de atualização, o *aggiornamento*. A adaptação como um termo antropológico, é culturalmente neutro.

Já o termo “aculturação” pode ser referido como um encontro de duas culturas em condição de respeito e tolerância mútuos. A aculturação

[...] opera de acordo com a dinâmica da interação. As duas culturas interagem “em condições de respeito e tolerância mútuos”. Contudo, elas não vão além do fórum externo ou entram no processo de assimilação mútua. Não afetam o organismo interno uma da outra. (CHUPPUNGO, 2008, P.25)

Pode-se perceber então que o termo aculturação é utilizado para tratar de duas culturas que interagem entre si, mas não provocam mudanças uma na outra. Chupungco ilustra a aculturação em sua obra *“Inculturação litúrgica: sacramentais, religiosidade e catequese”*, com a seguinte fórmula: Uma certa cultura A que convive com uma cultura B resultaria em uma cultura AB, ou seja, não há um significante diferente daqueles que interagiram entre si. (2008 p. 25). Um exemplo de aculturação dado pelo autor é o ocorrido na Liturgia do período barroco, já que,

Os textos e ritos oficiais da liturgia, especialmente a missa tridentina, não absorveram o drama, a festividade e a exuberância da cultura barroca. Por causa das rígidas leis sobre rubricas que impediam o acesso a qualquer coisa nova, a cultura barroca permaneceu na periferia da liturgia. (*Ibid.* p. 25)

Porém, não se pode desmerecer a aculturação, pois ela é um passo preliminar para se alcançar a inculturação. Seria portanto um passo presunçoso embarcar em uma inculturação, sem passar antes pela aculturação. Para o autor supracitado antes de entrar na área da inculturação, é necessário fazer um estudo preliminar comparativo entre as formas litúrgicas e os elementos culturais correspondentes. A aculturação litúrgica aqui, se torna uma interação entre a liturgia romana e a cultura local dos fiéis. A aculturação, na sua insuficiência, torna-se uma abordagem inicial que precisa ser plenificada pelo processo de inculturação. A dinâmica intercultural se desenvolve entre os dois tipos de cultura, A e B, levando assim à inculturação.

O termo inculturação tomou enfoque maior na liturgia pela sua relação com a SC, tornando-se assim um elemento vivo da Igreja. A inculturação, de um ponto de vista antropológico, permite a um certo povo experimentar em celebrações litúrgicas eventos culturais cujas formas rituais, cânticos e linguagens possam ser assimiladas com elementos de sua cultura. A inculturação também não é algo unilateral. É necessária uma avaliação crítica daquilo que se pode introduzir na celebração, havendo assim também uma reciprocidade e respeito mútuo entre a cultura e a Liturgia. Segundo Anscar Chupungco a inculturação da liturgia não impõe violência à cultura, ao contrário, trabalha de acordo com os padrões culturais, quer de língua e rito, quer de tempo e espaço.

Para o autor, “A inculturação litúrgica, vista do lado da Liturgia [...], pode ser definida como o processo de inserir os textos e ritos da liturgia no marco da cultura local.” (*Ibid.*, p. 28). Para melhor explicitar maneiras de como se dá este processo, Chupungco apresenta três tipos de métodos para a inculturação. Dentre estes três processos elucida-se a equivalência dinâmica, assimilação criativa e progressão orgânica.

Logo, “A equivalência dinâmica consiste em substituir um elemento da liturgia romana por algo da liturgia local que tenha significado ou valor igual. [...] O resultado disso é uma liturgia cuja linguagem, ritos e símbolos se relacionam admiravelmente com a comunidade de culto na medida que evocam suas experiências de vida, valores humanos e tradições, pintam imagens vívidas da criação de Deus e trazem à lembrança a história de seu povo. (*Ibid.*, p. 36)

Porém, a equivalência dinâmica necessita do que chamamos de edição típica, os livros litúrgicos-modelo do rito romano e seu encontro na cultura local de um determinado povo. A equivalência pode produzir portanto uma liturgia altamente criativa, mas não a partir da pura imaginação. Ela necessita dos livros oficiais como base. No processo de inculturação, para Chupungco, a “assimilação criativa é, às vezes, o único método realista à mão para desenvolver a forma do ritual específico de uma Igreja local.” (*Ibid.*, p. 46). Porém o autor aborda que para os Padres conciliares, na *Sacrosanctum Concilium* (SC 38-39), esse método não deveria ser considerado o método ordinário de inculturação litúrgica, já que o processo de inculturação normalmente se inicia a partir das edições típicas e este método surge da assimilação ritual própria de um povo (CHUPUNGCO, 2008, p. 36-46).

Já o método de progressão orgânica

É o trabalho de suplementar e completar a forma da liturgia estabelecida pela constituição sobre a liturgia e pela Santa Sé depois do Concílio. [...]. Em resumo, o método é progressivo por causa da forma que confere à liturgia. Ao mesmo tempo, é orgânico, pois seu resultado concorda com a intenção básica dos documentos litúrgicos, com a natureza e tradição da liturgia (*Ibid.*, p. 48).

Sendo assim, a progressão orgânica funciona como um complemento de onde os autores da Constituição sobre a liturgia ou revisores das edições típicas pararam. Portanto, tal método supre o que se mantém implícito nos documentos litúrgicos sendo uma continuação dos trabalhos conciliares adaptados às Igrejas pelas conferencias locais. A progressão orgânica ocupa um lugar importante na reforma pós conciliar. Portanto, esta também será uma das principais formas de inculturação presente neste trabalho. Tendo a inculturação litúrgica parte da adaptação cultural de um povo aos ritos e modos de vivência litúrgica, para este artigo, é necessário o estudo da cultura surda. O modo cultural que será o pilar de nosso estudo acerca da inculturação na pastoral do surdo.

2.1.2 A cultura surda

Ao pesquisar sobre cultura pode-se encontrar em alguns dicionários dois significados essenciais. O primeiro refere-se à formação do homem, ou seja, sua melhoria ou refinamento. Já o segundo sentido tem-se o produto desta formação, ou seja, o conjunto do modo de viver e do pensar humano a ser cultivado. Logo, para nosso objeto de pesquisa, trataremos o sentido de cultura como um cultivar de costumes e pensamentos, próprio de um determinado povo, ao longo dos tempos.

Ao adentrarmos na cultura surda é importante nos perguntar acerca deste povo que tem um modo diferente de percepção. Karin Strobel, surda e grande pesquisadora de sua comunidade e cultura no Brasil, afirma que

[...] povo surdo são sujeitos surdos que compartilham os costumes, história, tradições em comum e pertencentes às mesmas peculiaridades culturais, ou seja, constrói sua concepção de mundo através do artefato cultural visual, isto é, usuários defensores do que se diz ser povo surdo, seriam os sujeitos surdos que podem não habitar no mesmo local, mas que estão ligados por um código de formação visual independente do nível linguístico. (STROBEL, 2009, p. 34)

Pode-se concluir que a comunidade surda sustém uma cultura visual, pois, diferentemente dos ouvintes, sua percepção de mundo se encontra mais no que é visível do que na audição. A comunidade surda tendo sua peculiaridade de percepção e sentido, tem em sua essência uma cultura diferente da chamada “cultura ouvinte”.

Na cultura surda há outra peculiaridade: a presença de ouvintes engajados nas lutas e na busca dos direitos dos surdos. Estes membros da cultura surda “[...] comportam-se como sujeitos surdos e compartilham entre si das crenças de sujeitos surdos, sendo considerados membros pertencentes ao povo surdo” (*Ibid.*, p. 31) Pode-se ter o entendimento que a comunidade surda de fato não é formada somente de sujeitos surdos, mas, há também sujeitos ouvintes, sendo eles membros de família, intérpretes, professores, amigos e outras pessoas que participam e compartilham os mesmos interesses em comum, em determinada localização.

Tendo a percepção do que se entende como povo surdo e comunidade surda, já se pode aprofundar um melhor entendimento de seus artefatos culturais. Perlin e Miranda apresenta a experiência visual, primeiro artefato cultural, como

[...] a utilização da visão, em (substituição total a audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura. (PERLIN; MIRANDA, 2003, p. 218)

Já o segundo artefato cultural apresentado por K. Strobel seria o artefato linguístico. Segundo ela, a língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda. “[...] é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal” (STROBEL, 2009, p. 44). Segundo a pesquisadora, no mundo todo há pelo menos uma língua de sinais com suas variações regionais, usada amplamente na comunidade surda de cada país, diferente daquela da língua falada utilizada na mesma área geográfica. Assim, percebemos o grande arcabouço linguístico desta comunidade.

O terceiro artefato que Strobel apresenta é o artefato cultural familiar. As famílias surdas tem um outro modo de viver em comunidade. Logo,

Nas famílias surdas, os membros surdos tem comportamentos próprios deles, por exemplo, é habitual assistirem televisão no volume mudo para não incomodar os vizinhos, todos usam língua de sinais como a língua prioritária do lar, lavam louças e fazem movimentos inesperadamente com barulho alto sem perceberem. (*Ibid.*, p. 52)

Já o quarto artefato é a chamada literatura surda. Tal artefato traz um grande arcabouço para essa cultura visto que

A literatura surda refere-se as várias experiências pessoais do povo surdo que, muitas vezes, expõem as dificuldades e ou vitórias das opressões ouvintes, de como se saem em diversas situações inesperadas, testemunhando as ações de grandes líderes e militantes surdos e sobre a valorização de suas identidades surdas. (*Ibid.*, p. 56)

Logo K. Strobel apresenta que tal literatura se expressa em muitas gerações em que os povos surdos transmitem suas histórias através de língua de sinais, a maioria delas parte de experiências das comunidades surdas que transmitem seus valores e orgulho da cultura surda que reforça os vínculos que integram em suas lutas as gerações surdas mais jovens.

O quinto recurso cultural desta comunidade é sua vida social, realizada diretamente em eventos sociais: casamentos entre os surdos, festas, lazeres e atividades nas associações de surdos, eventos esportivos e outros. Uma coisa marcante desta identidade social é o “batismo” de sinal feito pela comunidade surda. É uma tradição “batizar” (ou criar uma tradução) os nomes de seus membros em língua de sinais, que pode ser uma das características físicas da pessoa, ou primeira letra de seu nome, ou de sua profissão.

[...] os surdos eram "batizados" por outros surdos da comunidade, através de um sinal próprio e que esse sinal seria a identidade de cada um na comunidade surda. [...] a comunidade surda não se refere as pessoas pelo nome próprio, mas pelo sinal próprio recebido no "batismo" quando o surdo ingressa na comunidade [...]. (*Apud*. STROBEL, 2009, p. 64)

Outro artefato abordado, é o artefato político. Para a autora

[...] um dos maiores objetivos das associações dos surdos é a política, nestas organizações retinem-se sujeitos surdos em reuniões e assembleias para compartilharem dos mesmos interesses em comuns, lutando pelos seus direitos judiciais e da cidadania, em uma determinada localidade, geralmente em uma sede própria, alugada, ou cedida pelo governo. (STROBEL, 2009, p. 71-72).

Strobel aponta que o povo surdo luta pela pedagogia surda que parte de um diferente “olhar”, direcionado em uma filosofia para educação cultural. A educação dá-se quando o surdo é colocado em contato com sua diferença, para que aconteça a subjetivação e as trocas culturais.

Pode-se concluir que a cultura surda se encontra em todos os âmbitos vivenciais, não somente da pessoa surda, mas como de todos os que vivem em seu entorno. O povo surdo tem sua própria cultura e conseqüentemente o seu modo próprio de proceder enquanto pessoa social. Sendo tal povo constituído de pessoas voltadas também ao meio social, se encontra em todos os âmbitos sociais, inclusive nas diversas igrejas e paróquias. Logo, será priorizado a partir daqui, as elucidações do povo surdo em âmbito eclesial, assim como suas dificuldades adaptativas enquanto assembleia e Povo de Deus.

2.3.1 A pastoral do surdo no Brasil

A história da Pastoral do surdo no Brasil se inicia antes mesmo de sua criação com a fundação das primeiras escolas voltadas ao ensino próprio para os surdos. Estas escolas foram trazidas pela Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário, ou Irmãs Calvarinas, no

ano de 1909, em Campinas (SP). Este foi um marco importante para o povo surdo brasileiro até a oficialização da pastoral (PASTORAL DOS SURDOS, 2006, p. 15).

As escolas de educação para surdos eram até então a única referência educativa e catequética para as pessoas com deficiência auditiva. Contudo, ainda não bastava somente o ensino catequético para os surdos, eles queriam estar inclusos no ambiente eclesial. Segundo o texto base da Campanha da Fraternidade de 2006, “desde a década de 1940, a comunidade de surdos no Brasil buscou seu espaço na caminhada eclesial, marcada pela ordenação do primeiro sacerdote surdo, o Mons. Vicente Penido Burnier” (p. 33). O primeiro padre surdo do Brasil, Mons. Burnier foi um personagem fundamental na criação da pastoral do surdo. Nascido na Diocese de Juiz de Fora, foi o segundo sacerdote surdo a ser ordenado na história da Igreja. Outro personagem fundamental na história da pastoral é padre Eugênio Osted, missionário americano que chegou em Manaus no ano de 1946, trabalhando especificamente com os surdos da região.

Mons. Burnier após sua ordenação trabalhou em grande abrangência com os surdos de algumas regiões do Brasil, dentre elas Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Curitiba, Juiz de Fora, Belo Horizonte, Porto Alegre, dentre outras cidades. Em uma dessas visitas conheceu o padre E. Osted, criando grande amizade e companheirismo (CNBB, 1992, p. 4). Este encontro pode ser considerado como um dos primeiros indícios dos trabalhos com a pastoral do surdo no Brasil. A pastoral do surdo surge no Brasil junto com estes dois padres e seu empenho com a missão de evangelizar e inserir a comunidade surda no âmbito eclesial. Sua fundação se dá entremeios dos anos 50, e traz em si um grande arcabouço espiritual como também de lutas em prol da inclusão social e eclesial da pessoa surda.

A pastoral do surdo no Brasil tem como objetivos:

Propiciar o conhecimento e a vivência da Boa-Nova de Jesus de Nazaré, através da evangelização atualizada para vivência da fé integrada à vida e através da celebração comunitária da Palavra de Deus.

Criar condições para que o surdo torne-se agente de evangelização da sua própria comunidade.

Despertar e capacitar para a vivência de uma espiritualidade evangélica, segundo a proposta de Jesus Cristo, na construção do reino de Deus.

Resgatar os valores culturais próprios do surdo para solidariedade com mais cidadania.

Buscar uma verdadeira inclusão dentro da Igreja, ao mesmo tempo superando preconceitos e respeitando as individualidades e diferenças de cada pessoa. (PASTORAL DOS SURDOS, 2006, p. 21-22)

Percebe-se então que a pastoral do surdo tem como objetivo a inserção da pessoa surda e de sua comunidade no âmbito eclesial, de tal forma que se construa uma espiritualidade voltada ao próprio Cristo, que se torna um semelhante aos pequenos e marginalizados. Cristo vem ao encontro da raça humana para assumir todas as situações da sua fragilidade, mas para também elevar essa condição. Os milagres são sinais do reinado de Deus e prenunciam o futuro salvífico que Jesus antecipa. O *é fatta* na pastoral se torna mais que um “abre-te”, se torna o convite essencial àqueles que querem se aproximar do Cristo, mesmo tendo uma língua e cultura diferentes dos ouvintes. A pastoral do surdo se torna esta mediação entre o surdo e o convite do próprio Cristo que diz “abre-te”, incluindo os pequenos em seu reinado. A pastoral, como ação e comunicação do Deus surdo, Deus que se faz presente na comunidade surda, para se autorrevelar a seu povo, assim como se revela aos ouvintes. Desta auto revelação nasce, na estrutura da pastoral, quatro dimensões essenciais de atuação, onde o Cristo se comunica com seu povo.

Uma das dimensões essenciais para a Pastoral do Surdo é a dimensão bíblico-catequética. Ainda a Pastoral se encontra com uma certa dificuldade de como catequizar e ensinar a vida de fé aos surdos. É necessário um grande esforço dos dois lados, dos surdos e da comunidade ouvinte, visto que ainda se tem poucos materiais catequéticos próprios para as pessoas surdas no Brasil. Nota-se

[...] uma acentuada dependência em relação aos intérpretes, tanto das pessoas surdas como dos ouvintes que não sabem. O material catequético (catecismos, subsídios e demais orientações) é importado de outros países e adaptado, mas carece de uma adequada fundamentação pedagógico-catequética e, sobretudo, da consideração da cultura própria das pessoas surdas nas diversas comunidades do país. (PASTORAL DOS SURDOS, 2006, p. 27)

Em algumas famílias surdas, diversas vezes, por esta falta de materiais e de uma catequese profunda, nota-se uma grande falta de compromisso da vida cristã e de uma educação efetiva pela fé. Portanto, é dever dos catequistas da pastoral do surdo mudar esta realidade, apontando uma verdadeira inculturação da fé na vida dessas pessoas.

Outra grande dimensão nesta pastoral é a dimensão missionária, visto o envio de Cristo que se estende a todas as pessoas: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). O surdo é responsável por evangelizar os seus, sendo ele o principal agente de sua pastoral. Logo, “Na perspectiva bíblica a pastoral do surdo quer ser sinal de Cristo, mostrando que a surdez não é limite para escuta e vivência da Palavra de Deus.” (*Ibid.*, p. 28)

A dimensão sociotransformadora também se mostra essencial. A pastoral do surdo assume um caráter fraterno para que todos os surdos tenham sua dignidade. Ela desenvolve o exercício da solidariedade com os surdos na miséria ou pobreza, em diversas situações de vulnerabilidade social. Dessarte, “[...] a Pastoral dos Surdos se preocupa com os direitos dos surdos desde o acesso à educação até a aposentadoria.” (*Ibid.*, p, 28) A pastoral luta em busca da verdadeira identidade surda na Igreja, a participação em movimentos sociais para melhores condições de vida e inculturação de sua fé no Cristo que se faz igual a eles.

A última dimensão e foco deste artigo é a dimensão litúrgica. O *éfatta* na comunidade surda se encontra principalmente nesta dimensão. É o lugar propício para a autocomunicação de Deus a seu povo.

A espiritualidade do cristão é uma busca de, e um encontro com, na fé e na comunidade, a proposta cristã. O caminho da espiritualidade é um processo contínuo de conversão, de interioridade e de busca da santidade. A dimensão litúrgica é, pois, o centro dessa caminhada que se faz em comunidade orante. Nessa atuação, os surdos são convidados à prática da oração individual e comunitária, dando ênfase na liturgia dominical e nas celebrações nas casas dos surdos. Nesse mesmo sentido a mística e a espiritualidade estão juntas à dimensão litúrgica. (PASTORAL DOS SURDOS, 2006, p. 26)

Portanto, um dos cerne da pastoral dos surdos se encontra na liturgia, verdadeiro encontro com a autorrevelação de Deus na vida de seus fiéis. Porém há dificuldades encontradas na vivência litúrgica do surdo. Em vários lugares do Brasil não encontramos liturgias adaptadas aos surdos, ou em sua língua vernácula, a Libras, necessitando assim de intérpretes para o entendimento do que se está celebrando.

3 E DEUS SE FEZ SURDO: A INCULTURAÇÃO DA LITURGIA PARA A COMUNIDADE SURDA.

Ao referir-se à Liturgia, em seu sentido etimológico, Francisco Escobar (2005, p. 15) afirma que esta palavra provém do grego *leitourgia*, se originando das palavras *leiton*, tendo sua tradução por “povo”, e *ergon* que significa obra, ação ou serviço. Desse modo o sentido etimológico da palavra liturgia tem seu significado na ação própria para um povo, ou uma ação comunitária, feito ao povo, para o bem comum.

Na tradução grega a palavra *leitourgia* traz consigo a denominação de uma obra feita por um grupo ou pessoa em benefício de um povo. No período helenístico, tal palavra indicava as diversas funções públicas como serviço militar, ocupação dos escravos dentre outras atividades. Porém era também utilizada para tratar das expressões de culto dos ministros às divindades, sendo sacrifícios públicos ou a ação dos sacerdotes. (ESCOBAR, 2005, p. 16)

A palavra *leitourgia* na versão grega da Sagrada Escritura, surgindo primeiramente na tradução *septuaginta*, designa o culto externo que os sacerdotes e levitas ofereciam no templo, incluindo os sacrifícios. Escobar afirma que este termo no Novo Testamento aparece em cinco sentidos; no sentido civil, como obra pública; no sentido ritual do AT, como o culto do templo de Jerusalém; no sentido de exercício público da religião; no sentido de culto espiritual; no sentido de culto ritual comunitário cristão, sendo essa a única alusão a assembleia litúrgica. (*Ibid.*, p. 16-17)

Portanto visto que nas Sagradas Escrituras, *leitourgia* tem seu sentido próprio de ritual comunitário cristão, pode-se afirmar que a liturgia, antes de tudo, tem um caráter ritual comunitário, o qual traz à luz o mistério salvífico de Cristo. Nos diversos documentos magisteriais, percebe-se uma definição mais apropriada de liturgia sendo ela a participação da Igreja no mistério de Cristo. Dentre eles, o Papa Pio XII († 1958), em sua encíclica *Mediator Dei*, nos expõe este sentido comunitário da liturgia:

Nas celebrações litúrgicas e, em particular, no augusto sacrifício do altar, continua-se, sem dúvida, a obra da nossa redenção, cujos frutos nos são aplicados. Cristo realiza a nossa salvação cada dia nos sacramentos e no seu sacrifício e, por meio deles, purifica continuamente e consagra a Deus o gênero humano. Têm, portanto, uma virtude objetiva, com a qual, de fato, fazem nossas almas participantes da vida divina de Jesus Cristo. Eles, pois, têm não por nossa, mas por divina virtude, a eficácia de reunir a piedade dos membros com a piedade da Cabeça e torná-la, de certo modo, uma ação de toda a comunidade. (MD 26)

Já o Concílio Vaticano II em sua Constituição voltada para a celebração litúrgica dos diversos sacramentos e demais celebrações da Igreja e dimensões do culto, a *Sacrosanctum Concilium*, apresenta a liturgia como a continuação da obra de Cristo e sua presença na Igreja. Sendo assim o Documento afirma que

Para levar a efeito obra tão importante Cristo está sempre presente em sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas. Presente está no sacrifício da missa, “pois aquele que agora oferece pelos ministérios dos sacerdotes, é o mesmo que outrora se ofereceu na cruz” quando sobretudo sob as espécies eucarísticas. Presente está pela Sua força nos sacramentos, de tal forma que quando alguém batiza é Cristo que batiza. Presente está pela sua Palavra, pois é Ele mesmo que fala quando se leem a Sagrada Escritura na Igreja. (SC 7)

Desse modo, a liturgia se encontra como o elo que une Cristo, cabeça de seu corpo, com os demais membros, nos sacramentos e nas diversas expressões religiosas que a Igreja apresenta. Também o Catecismo da Igreja Católica nos explana este mistério de Cristo, através da autorrevelação de Deus e do mistério pascal de Cristo a seu povo.

Na liturgia a bênção divina é plenamente revelada e comunicada: o Pai é reconhecido e adorado como a fonte e o fim de todas as bênçãos da criação e da salvação, ele nos cumula com suas bênçãos e, por meio dele derrama nos nossos corações o Dom que contém todos os dons: o Espírito Santo. (CIC, 1082, p. 305)

Neste elo, também se encontra a pastoral do surdo. Por meio da Liturgia Cristo acolhe a pessoa surda, e chama a seus seguidores a imitar o seu exemplo de acolhida. Portanto, uma das características remetentes a esse “serviço ao povo” é sua acolhida em especial aos pequenos e socialmente excluídos. A campanha da fraternidade em 2006 já alertava sobre a necessidade de inclusão de pessoas com deficiência ao meio eclesial, comunitário e acima de tudo sacramental. Porém, há ainda muita rejeição e barreiras para levar à inclusão. O santo padre, Papa Francisco, em sua carta no Dia Internacional da Pessoa com Deficiência, no ano de 2022, nos expõe a grande falta de inclusão na Igreja Católica, que foi refletida nas sínteses de respostas do Sínodo, dizendo que

Numerosas sínteses assinalam a falta de estruturas e modalidades de acompanhamento apropriadas às pessoas com deficiência e apelam a novos modos para acolher o seu contributo e promover a sua participação: a despeito dos seus próprios ensinamentos, a Igreja arrisca imitar o modo como a sociedade as põe de lado. As formas de discriminação enumeradas – a falta de escuta, a violação do direito de escolher onde e com quem viver, a negação dos Sacramentos, a acusação de bruxaria, os abusos – e outras, descrevem a cultura do descarte no confronto das pessoas com deficiência. Essas [formas de discriminação] não nascem por acaso, mas têm em comum a mesma raiz: a ideia de que a vida das pessoas com deficiência valha menos que a das outras. (FRANCISCO, 2022)

Portanto, para que a pessoa surda tenha um acesso aos sacramentos é necessário a Igreja, povo de Deus, redescobrir o valor da vida humana na pessoa do surdo, das pessoas com deficiência, dos que são socialmente excluídos. Sendo assim

[...] não existe um nós e um eles, mas um único nós com Jesus Cristo no centro, onde cada qual carrega os seus próprios dons e limites. Esta consciência, fundada no fato de que todos fazemos parte da mesma humanidade vulnerável, assumida e santificada por Cristo, elimina qualquer distinção arbitrária e abre as portas à participação de cada um dos batizados na vida da Igreja. [...] Com efeito, são o encontro e a fraternidade que derrubam os muros de incompreensão e vencem a discriminação; por isso espero que cada comunidade cristã se abra à presença de irmãs e irmãos com deficiência, garantindo-lhes sempre acolhimento e plena inclusão. (*Ibid.*)

É notável que Francisco se preocupe com a inclusão da pessoa com deficiência em meios eclesiais, e chama a todos, sem exceção a uma verdadeira vivência fraterna, propondo a acolhida de uns para com os outros. Tal acolhida à pessoa surda se dá em sua participação litúrgica e sacramental. Portanto, é necessária uma verdadeira inclusão nas comunidades eclesiais. Tal inclusão aos surdos se dá em sua língua vernácula, que diferentemente dos ouvintes, tem a Libras como sua primeira língua. Logo, nota-se a necessidade de uma verdadeira adaptação litúrgica para a comunidade surda, principalmente na liturgia eucarística, visto que ela é o ápice de toda a ação da Igreja, fonte de onde emana toda sua força (SC 10).

3.1 Perspectivas de inculturação da liturgia na língua vernácula dos surdos.

Como visto anteriormente, Chupungco discorre que antes de haver uma inculturação é necessário que haja uma aculturação dentro das comunidades eclesiais. Antes, portanto, de haver uma inculturação na pastoral do surdo, ocorre primeiro a aculturação. Portanto, trataremos aqui acerca de como ocorre este processo na pastoral do surdo.

Ao falar de aculturação na pastoral do surdo, precisamos antes compreender a necessidade de abarcar a língua brasileira de sinais, primeira língua desta comunidade, e eixo central de sua cultura nas celebrações e ritos litúrgicos. Segundo A. Chupungco

A aculturação, que é estágio inicial da adaptação, abre espaço para a inculturação. No processo é permitido a dinâmica da transculturação operar de tal modo que tanto a liturgia quanto a cultura sejam capazes de se desenvolver de acordo com a identidade específica de cada uma. (CHUPUNGCO, 1992, p. 45)

Dessarte, ao se referir a uma adaptação da liturgia para o povo surdo, primeiramente deve-se trabalhar maneiras de promover uma convivência da cultura litúrgica com a cultura surda. Nesse âmbito, em vários lugares do Brasil, pode-se perceber que a cultura surda convive com a cultura litúrgica, seja na celebração eucarística como entre outras celebrações. Porém, há uma certa dificuldade em fazer com que tal convivência seja efetiva, pois existe uma divergência do tipo linguístico empregado.

Por causa da divergência de língua empregada entre as duas culturas, no processo de aculturação, encontra-se em diversas paróquias a pessoa do tradutor-intérprete de língua de sinais, que tem como função interpretar aquele sacramento para a comunidade surda presente nas celebrações. Tal serviço tem como objetivo que a comunidade surda alcance o mistério celebrado noutra língua que não a sua. A celebração interpretada traz, portanto, a convivência de duas culturas, porém sem interferência de uma cultura com a outra.

Abarcando no modo de pensamento de Chupungco é possível elencar uma cultura A, cultura litúrgica, e uma cultura B, cultura surda (interpretação dos ritos), gerando assim uma cultura AB. Nesse encontro de culturas não há influência ainda da cultura A nem da cultura B, mas há uma certa convivência entre si (CHUPUNGCO, 2008, p.24-26). Aqui se encaixa o seguinte exemplo: há uma celebração com a assembleia ouvinte, porém nesta celebração nota-se a presença de surdos com um intérprete. Mesmo com a presença dos surdos, ainda não há uma participação efetiva destes em sua comunidade paroquial, nem na liturgia em si. São participantes, porém os ritos não dependem de sua cultura para existir, nem há mudanças nas celebrações para que tal comunidade seja abarcada sem prejudicar aos demais que não acessam a Libras. Este exemplo é grande sinal de uma aculturação para a pessoa surda.

Portanto, a aculturação na pastoral do surdo se dá quando este grupo é inserido no sacramento da eucaristia por meio de uma interpretação da língua local, sendo no Brasil o português. Esta ação é importante visando a inculturação, pois traz para comunidade um certo costume com a primeira língua da comunidade surda, ou seja a Libras. Porém ainda não há uma interação em meio litúrgico entre ambas, ou seja, não há sacerdotes que saibam a língua de sinais, ou o surdo não se torna participante ativo do rito que é transmitido. Gerando assim percepções para as necessidades desta comunidade.

Já a inculturação necessita antes de uma acolhida especial da Igreja local para com a comunidade surda. Como vimos anteriormente um dos objetivos da pastoral do surdo é fazer destes indivíduos participantes ativos da comunidade eclesial, e isto implica sua integração

na celebrações da liturgia e dos sacramentos. A inculturação na pastoral do surdo se dá a partir da inserção do pilar central da cultura surda, o seu artefato linguístico. Não há inculturação surda na liturgia se os seus participantes não sabem a língua de sinais.

Quando Chupungco explana o pensamento da inculturação ele diz que nada mais é do que o encontro de uma cultura A e uma cultura B que resulta em uma cultura C, diferente das duas culturas que foram inseridas neste processo, mas buscando unir o que é próprio de cada uma. Pensemos no seguinte exemplo: tem-se a celebração eucarística como pilar central da cultura litúrgica (cultura A). Em contrapartida, surge a cultura surda com seu artefato linguístico (cultura B). No encontro dessas duas culturas, sendo sua união o desejo de acolher a pessoa surda no âmbito litúrgico como um todo, surge uma cultura que traz os traços próprios, sendo ela a cultura litúrgica para o povo surdo (cultura C), (CHUPUNGCO, 2008, p. 26-28).

Tal cultura nova que se cria tem suas próprias peculiaridades dentro da celebração eucarística. Sua peculiaridade se encontra na mudança de palavras, gestos e contextos para que a pessoa surda possa entender melhor o mistério revelado durante as celebrações. Iniciemos, portanto, a compreender as mudanças nas celebrações específicas para esse povo.⁵ Para uma melhor compreensão utilizaremos aqui, uma forma de inculturação a partir da progressão orgânica, visando que “A progressão orgânica parte do ponto que os autores da Constituição sobre Liturgia ou os revisores das edições típicas pararam” (CHUPUNGCO, 2008, p. 48), trazendo uma suplementação do rito com a língua vernácula dos surdos, a Libras.

3.1.1 Os ritos iniciais

Os ritos iniciais em uma celebração eucarística são constituídos de canto e procissão de entrada, saudação do altar e ao povo congregado, ato penitencial, glória e oração coleta. Tais ritos “[...] tem como finalidade constituir a assembleia, congregá-la para celebrar de maneira mais conveniente a escuta da Palavra e a Eucaristia [...]” (D’ANNIBALE, 2005, p. 145). Porém, para abarcar o povo surdo são necessárias algumas modificações em sua estrutura, principalmente em vista dos cantos litúrgicos. A música tem seu lugar na cultura surda, porém poucas vezes é utilizada para as celebrações nas pastorais. O canto de entrada nessas celebrações em grande parte de tais ritos é omitido e substituído por alguma característica visual, que possa iniciar o povo e congregá-los ao mistério eucarístico, seja cartazes, objetos, bandeiras das pastorais etc.

O presidente, fluente na língua de sinais e utilizando-a faz sua saudação ao altar, o sinal da cruz e saúda a assembleia participante. Após a saudação o presidente conduz a assembleia a expressar sua conversão, sua reconciliação com Deus e com os irmãos através do ato penitencial. Como já dito, a música é omitida do ato, sendo ele sinalizado para a assembleia, podendo em maioria dos casos, ter um intérprete ou um surdo ao lado do celebrante para sinalizar as respostas da oração. A assembleia percebe o que deve ser sinalizado, distinguindo as falas do sacerdote com as da comunidade.

⁵ Deve-se ressaltar que a tradução da edição típica do missal romano no Brasil, no período de escrita deste artigo, se encontra na língua portuguesa em sua segunda edição. Visando tal aspecto, falaremos de uma inculturação para o povo surdo tendo base esta tradução, visto como experimento litúrgico. Durante esta pesquisa foram observadas algumas celebrações Eucarísticas interpretadas e outras, celebradas totalmente em libras, na paróquia São Carlos Borromeu, da cidade de Lagoa da Prata, pertencente à Diocese de Luz e no Curato Nossa Senhora do Silêncio, pertencente à Arquidiocese de Belo Horizonte. (cf. Anexo1)

Durante o hino do glória, conta-se também com a ajuda de um intérprete ou de um agente surdo da pastoral para sinalizar transmitindo-o a assembleia. Mesmo sendo um hino, um canto litúrgico, o glória não é excluído da missa com os surdos, visto a necessidade do louvor ao Pai e da súplica ao Filho.

Durante a oração da coleta o sacerdote traduz o rito do Missal Romano pra a Libras, fazendo que assembleia adentre a natureza daquilo que esta sendo celebrado. É necessário que em diversas ocasiões o sacerdote traga para a comunidade este momento propício para se colocar em oração. Após o “oremos”, o sacerdote permanece um breve momento de “silêncio” para que a assembleia apresente à Deus suas intenções. Depois do silêncio, naturalmente é previsto que o sacerdote abra seus braços e profira a oração. Porém, como a Língua de sinais necessita da utilização de suas mãos para que a comunicação aconteça, é omitido neste momento o gesto do sacerdote.

3.1.2 A liturgia da Palavra

A Introdução Geral do Missal Romano explana que a liturgia da palavra, em todos os ritos litúrgicos é constituída pelas leituras da Sagrada Escritura e desenvolvida pela homilia, promovendo neste processo uma comunicação de Deus ao seu povo (IGMR 55, p. 53). Portanto, através da liturgia da Palavra, é necessário ritualmente permitir que Deus fale com o surdo, abarcando também a sua cultura. Já que um dos principais objetivos da pastoral é colocar a pessoa surda como protagonista de sua pastoral, é recomendado que os próprios surdos façam as leituras e salmos da liturgia.

Em diversos casos é necessário mudar palavras impregnadas na cultura ouvinte que não se encaixa na vida e vivência do surdo, a palavra ouvir, por exemplo, visto que o surdo não escuta, não possui o sentido auditivo, é necessária sua substituição. Propõe-se a utilização de “perceber”, já que tal palavra abarca o primeiro artefato da cultura surda, o artefato visual, pois o surdo percebe e visualiza a língua de sinais. Outra palavra que é constantemente usada seria o verbo “falar”, o sinal desta palavra em libras remete à área frontal da boca, denotando assim certa oralidade. Logo, quando se está diante do texto litúrgico, principalmente quando é Deus quem fala, contando com a premissa de aproximar mais o surdo de Deus, a pastoral utiliza-se da palavra “sinalizar”. Através dessa troca, o rito pode manifestar como Deus se faz surdo com o surdo. Por meio da liturgia, Deus adentra sua comunidade e prolonga seu agir salvífico nas expressões rituais mais inculturadas.

Na aclamação ao evangelho novamente há um intérprete ou um surdo no presbitério para que a assembleia acompanhe sua sinalização. Como já mencionado, não há músicas, mas é proferida a aclamação prevista no lecionário com sua antífona. É comum que durante a proclamação ao evangelho o sacerdote ou diácono que o proclamará faça o sinal da cruz em três dimensões do corpo. Na testa, para que o individuo possa compreender com a mente o que foi proferido, na boca, para que possa anunciar a outros a mensagem, e no peito para que se possa internalizar o anúncio. Tal gesto foi culturalmente inserido na assembleia celebrante, no século 11, sendo pertencente ao campo da piedade popular. Na pastoral este gesto se torna diferente, tendo sua distinção entre surdos e intérpretes. A pessoa surda faz comumente o sinal na testa, em seu coração, mas há uma mudança para que abarque realmente sua cultura, o sinal que geralmente é feito na boca é transferido para suas mãos, visto que o surdo não transmite o evangelho em língua oral, mas em sinais. Já para a pessoa do intérprete, o sinal da cruz nas mãos é acrescentado junto ao sinal na área da boca, visto que ele evangeliza nas duas modalidades linguísticas.

O padre anuncia o Evangelho na língua própria da comunidade surda e, após o fim deste, transmite sua mensagem em conjunto com os diversos textos na homilia. Portanto, o presidente da celebração faz sua reflexão por meio da língua de sinais. Nesse momento, para que o anúncio do sacerdote seja efetivo se utiliza de meios visuais para representar sua mensagem, de acordo com o primeiro artefato da cultura surda.

Após a homilia, é previsto a profissão de fé. Segundo a IGMR a profissão

“[...] tem por objetivo levar todo povo reunido a responder à palavra de Deus anunciada na sagrada escritura e explicada pela homilia, bem como, proclamando a regra da fé por meio de fórmula aprovada para o uso litúrgico, recordar e professar os grandes mistérios da fé antes de iniciar sua celebração Eucarística” (IGMR 67, p. 57)

Tal profissão é proferida aos domingos e solenidades. E este texto não é excluída da celebração para os surdos, porém assim como no hino de louvor e na aclamação é suscitada por um surdo ou intérprete que a transmite, para que a assembleia em coro sinalize igualmente. O encerramento da liturgia da palavra se dá na oração universal ou oração dos fiéis. A IGMR explana que o povo responde de certo modo à Palavra de Deus que foi acolhida na fé e que este mesmo povo exerce a sua função sacerdotal elevando suas preces a Deus para a salvação de todos. (IGMR 69, p. 58)

O mais antigo nome dado à oração do povo que conclui a liturgia da Palavra é a oração comum; com efeito ela é a oração da comunidade toda.

Constitui essa oração o ápice da participação dos membros da assembleia, particularmente dos leigos, à liturgia da palavra, assim como a comunhão é o ápice de sua participação a liturgia eucarística. (MOLIN, 1973, p. 262)

Portanto, esta oração para a comunidade surda tem sua devida importância, visto que seu aspecto comunitário tem grande relevância para este povo. Porém, nas celebrações não encontramos uma prece preparada, mas preces espontâneas. Para melhor explicar o uso das preces espontâneas utiliza-se aqui do artefato da literatura surda. Durante as preces da assembleia, a pessoa surda eleva a Deus os sofrimentos, lutas e desafios de sua comunidade. “A oração universal é a oração do povo cristão reunido que, naquele momento da celebração, deve se exprimir seus pedidos com *espontaneidade* e verdade.” (*Ibid*, p. 271)

Essa oração universal é motivada e finalizada pelo sacerdote. Porém é uma expressão de oração e do sacerdócio comum dos fiéis presentes nas celebrações. Por isso, na comunidade surda, o celebrante motiva a oração em língua de sinais, havendo uma mudança cultural na formulação da resposta comum da assembleia. Em geral, a assembleia responde “Senhor, escuta nossa prece”, mas para a comunidade surda Deus se encontra e comunica com os seus, logo, visando o primeiro e segundo artefato da comunidade surda, há uma mudança no termo escutar, por “perceber” ou por “olhar”. A comunidade surda entoa a resposta às preces como “Senhor, perceba nossas Preces”, ou “Senhor, olhai nossas preces”.

3.1.3 A liturgia eucarística

Segundo D’ANNIBALE, durante a liturgia eucarística a Igreja se recorda de três gestos feitos por Jesus durante a instituição da eucaristia na última ceia. Jesus tomou o pão e o cálice com vinho, pronunciou a bênção ou ação de graças, partiu o pão e deu aos apóstolos e entregou o cálice para que dele bebesses (D’ANNIBALE, 2005, p. 150). Uma vez feito esses gestos Jesus ordenou aos apóstolos que realizassem estas mesmas ações em sua memória.

O primeiro gesto que Jesus faz é pegar o pão e o cálice. Nisto consiste o ofertório ou apresentação dos dons. Pela comunidade é ofertado pão e vinho, logo

É muito conveniente que se faça uma procissão a partir do fundo do templo com esses dons. Eles significam a entrega da própria vida, a fim de que, unida de Cristo, transforme-se em oferenda agradável ao Pai. [...] A Igreja recomenda que, juntamente com esses dons, a comunidade entregue outros elementos. (*Ibid.*, p. 150)

Durante a procissão com os dons a comunidade aplica novamente o artefato da literatura surda, apresentando ao altar os sacrifícios, lutas e dificuldades deste povo. É comum perceber nas missas em que se celebra o dia do surdo a entrada com cartazes e objetos representando a luta pela inclusão e conhecimento da Libras na sociedade.

É previsto no Missal Romano que durante a apresentação dos dons o padre faça alguns gestos, como proferir a apresentação dos dons e apresentá-los. Porém ao proferir na língua de sinais tal oração, há certo empecilho de realizar tais gestos no mesmo momento.

Durante as observações litúrgicas no Curato Nossa Senhora do Silêncio, pertencente a Arquidiocese de Belo Horizonte, é notável o sinal de adaptação feita neste momento. O padre profere a oração em Libras e após proferir realiza o gesto litúrgico. O mesmo se faz ao lavar as mãos.

O segundo gesto que Jesus faz é pronunciar a bênção, ou ação de graças. Portanto, “O segundo gesto de Jesus (“deu graças”) é expresso na prece eucarística. Trata-se de uma oração de ação de graças e de consagração.” (*Ibid.*, p. 151)

Durante este gesto é previsto que se reze o prefácio, como louvor ao Pai pela história da salvação finalizando com a aclamação da assembleia ao Pai. Tal aclamação, conhecida como “santo”, assim como no hino de louvor e na profissão de fé é suscitada por um surdo no presbitério, para que a assembleia entre em consonância dos sinais estabelecidos na aclamação.

Durante toda a oração eucarística, o padre se dispõe da Libras e em seguida faz os gestos litúrgicos previstos no missal. Para que durante a oração eucarística tenha também consonância de sinais, as respostas são suscitadas por um surdo. As orações que professam a comunhão eclesial da Igreja fazem uma memória daqueles que passaram pela comunidade surda, sendo que há na atualidade bispos e padres intérpretes leigos e leigas martirizados ou que morreram defendendo a causa da comunidade surda. Assim contempla-se a literatura surda.

O terceiro gesto de Jesus corresponde ao rito da comunhão. Porém a comunhão sacramental é precedida de alguns ritos preparatórios e outros que fazem sua conclusão. O primeiro rito é a oração do Pai-Nosso. Esta oração geralmente é também suscitada por um surdo, assim como as respostas e o cordeiro de Deus, visto a unidade linguística da assembleia.

Durante a fração do pão, como observado nas celebrações observadas, o padre faz primeiramente sua oração em libras, para após fazer os gestos próprios da fração. E fazendo o convite ao banquete faz as mesmas ações, sendo que primeiro faz o convite e depois apresenta o corpo e o sangue consagrados naquela celebração.

Já durante a comunhão, para que esta seja entregue “[...] a Igreja institui ministros extraordinários da comunhão, os quais depois dos sacerdotes, diáconos e acólitos (ou a falta destes), distribuem a comunhão a seus irmãos.” (*Ibid.*, p.157). Tal membro da comunidade, não necessariamente pode ser somente ouvinte. Do mesmo modo que há nas comunidades catequistas surdos, leigos e leigas engajados nos trabalhos pastorais dentro da pastoral do surdo, também há ministros extraordinários que sejam surdos, para que sirvam a comunidade em sua própria língua. Durante o rito da comunhão recorre a uma pequena reflexão ou até mesmo orações, para que a comunidade surda seja inserida no mistério que é celebrado.

Ao se referir aos ritos finais das celebrações com a pastoral do surdo, tudo ocorre como a normatividade do missal romano prevê. Só há a ressalva de ter um interprete ou um surdo suscitando as respostas para que a comunidade responda em uma unidade linguística.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se percebe, a inculturação da liturgia na pastoral do surdo se dá principalmente através da tradução dos ritos litúrgicos para a primeira língua usada por esta comunidade, ou seja, a Libras. Porém ainda há grande dificuldade de adaptação destes ritos em sentido de sua língua vernácula, impedindo a pessoa surda de maior proximidade do mistério revelado. Há, portanto, a necessidade de adaptação destes ritos através da cultura litúrgica local, sendo ela exprimida nas diversas celebrações em português.

Chupungco ajuda, portanto, a perceber o aspecto da inculturação e suas diversas formas de criatividade, sendo este um aspecto litúrgico o qual, se pode atentar ao que já se tem ocorrido no Brasil por meio da pastoral do surdo. Por mais que se tenha uma tradução efetiva para a primeira língua do Brasil, o português há um déficit de uma tradução que seja efetiva para o povo surdo, restando assim as experiências litúrgicas, da tradução da edição em português do missal romano.

Logo para uma verdadeira inculturação na pastoral do surdo, visto suas traduções como experimentação litúrgica, é necessário o uso do que Chupungco explana de criatividade litúrgica. Tal conceito pode, segundo o autor ser aplicado em um sentido amplo nas liturgias aculturadas ou inculturada. Já que “De fato, é difícil pensar em um exemplo de inculturação em que o espírito criativo e a capacidade imaginativa não tenham atuado.” (Chupungco, 2008, p.54)

A partir desse pressuposto, é necessário uma verdadeira inculturação, criando condições para uma imersão desta comunidade ao mistério salvífico de Cristo. Logo, a missão da inculturação litúrgica voltada a esse povo pode ser ilustrada com a passagem do Evangelho em Mc 7,31-37, na qual Jesus abriu os ouvidos do surdo para que compreendesse a vida no mistério da fé. Deste modo, através da experiência do encontro “os surdos são convidados a aprofundar sua espiritualidade, compreender a mensagem de Jesus Cristo, para tornar evangelizadores da boa-nova pelo seu testemunho de vida.” (PASTORAL DOS SURDOS, 2006, p. 26). Tal experiência se personifica principalmente quando os aspectos de sua comunidade são inseridos em sua vivência de fé.

Portanto, a tradução da edição brasileira do missal romano para a Libras, primeira língua da comunidade surda, requer uma atenção especial para uma grande criatividade litúrgica, visto a vastidão cultural desta comunidade. Com a criatividade litúrgica pode-se facilmente em um futuro não tão distante criar uma nova cultura litúrgica atrelada a cultura surda, ou seja, a cultura litúrgica para o povo surdo.

Dessarte, ao utilizar a criatividade litúrgica tendo como meio a tradução dos textos em português para a língua vernácula dos surdos, a Igreja há de proporcionar um verdadeiro encontro de Deus em sua autorrevelação com a pessoa surda, tornando-se próximo desta comunidade, Ele Se faz surdo para os surdos, abre seus ouvidos, ou seja, o entendimento daquilo que se é celebrado, e os fazem compreender o anúncio da Salvação.

SIGLAS

CIC	Catecismo da Igreja Católica
CVII	Concílio Vaticano II
DV	<i>Dei verbum</i>
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
MD	<i>Mediator Dei</i>
SC	<i>Sacrosantum Concilium</i>

REFERÊNCIAS

AUGÊ, Matias. **Liturgia:** Historia, celebração, teologia, espiritualidade. São Paulo: Editora Ave Maria, 2007.

BUYST, Ione; SILVA, José Ariovaldo da. **O Mistério celebrado:** memoria e compromisso I: teologia litúrgica. São Paulo: Paulinas, 2003.

CALANDRO, Eduardo; LEDO, Jordélio Siles; BARBOSA; Rozeangela G. **Psicopedagogia Catequética:** reflexões e vivência para uma catequese inclusiva:– Pessoa com deficiência. Paulus Editora, 2022.

CHUPUNGCO, Anscar J. **Liturgias do Futuro:** processos e métodos de inculturação. São Paulo, Paulinas, 1992.

_____. **Inculturação litúrgica:** sacramentais, religiosidade e catequese. São Paulo: Paulinas, 2008.

CNBB. **Arquivo - linha 3. Dimensão bíblico-catequética: relatório sobre a pastoral dos deficientes auditivos,** endereço: AC, E51, P4, C21, M21, 28 Fev. 1992.

_____. **Campanha da Fraternidade 2006:** texto-base. São Paulo: Editora Salesiana, 2005.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório geral para a catequese.** São Paulo: Paulinas, 1997.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário.** Brasília: Edições CNBB, 2008.

D'ANNIBALE, Miguel Ángel. A celebração Eucarística. *In:* CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. **Manual de liturgia 3 - a celebração do mistério pascal:** os sacramentos: sinais do mistério pascal. São Paulo: Paulus, 2005.

DOCUMENTOS DA IGREJA. **Constituição Sacrosanctum Concilium: sobre a sagrada Liturgia.** *In:* Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações. 1962-1965. Petrópolis: Vozes, 2020.

_____. **Constituição Dogmática Dei Verbum.** *In:* Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações. 1962-1965. Petrópolis: Vozes, 2020.

ESCOBAR, Francisco. A celebração do mistério de Cristo. *In:* CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. **Manual de liturgia 2 - a celebração do mistério pascal:** fundamentos teológicos e elementos constitutivos. São Paulo: Paulus, 2005.

FRANCISCO, papa. **Mensagem do papa Francisco para o dia internacional das pessoas com deficiência.** Roma, 2022. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2022/documents/20221203_messaggio-disabilita.html. Acesso em: 18 ago. 2023.

MARTÍN, Julian Lopez. **A liturgia da Igreja: Teologia, História, espiritualidade e pastoral**. São Paulo: Paulinas, 2006.

MOLIN, J. B. Oração universal. In: GALINEAU, Joseph. et al. **Em vossas assembleias sentido e pratica da celebração litúrgica: 1- Teologia pastoral da missa**. São Paulo: Paulinas, 1973.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório para catequese**. Tradução de João Vitor Gonzaga Moura. São Paulo: Paulus, 2020.

PERLIN, Gladis; MIRANDA, Wilson. Surdos: o Narrar e a Política in: **Estudos Surdos - Ponto de Vista: Revista de Educação e Processos Inclusivos**. n. 5, UFSCI NUP/CED, Florianópolis, 2003.

PIO XII, papa. **Carta encíclica *Mediator Dei***. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20111947_mediator-dei.html. Acesso em 30 jun. 2023.

SPERA, J.C.; RUSSO, R. “**A assembleia celebrante**” in CELAM, “Manual de Liturgia II”, S. Paulo: Paulus, 2005.

STROBEL, Karin Lílian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2.ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

Anexo 1

Observação Participante

Celebração eucarística 01

Data: 09/07/2023 (9:00)

Local: Paróquia São Carlos Borromeu, cidade de Lagoa da Prata, Diocese de Luz-MG

Modalidade: Missa oralizada em português com a presença de tradutores e intérpretes.

Toda a celebração ocorreu como de costume. O padre não cita a pastoral, nem elementos da cultura surda.

Há dois intérpretes de libras que se alternam na tradução e interpretação do rito litúrgico. O interprete fica a esquerda do presbitério, em um pequeno espaço que não é adaptado para tais circunstâncias. Os surdos se encontram no primeiro banco para que possam ter uma melhor visão dos intérpretes.

Há uma falta de conhecimento da comunidade sobre a cultura dos surdos. Isso se torna perceptível ao passarem à frente do interprete, dificultando a compreensão dos surdos acerca do que está sendo celebrado.

Típico de aculturação, duas culturas que não se entrelaçam, mas vivem no mesmo espaço.

Celebração eucarística 02

Data: 09/09/2023 (17:00)

Local: Curato Nossa Senhora do Silencio, cidade de Belo Horizonte, Arquidiocese de Belo Horizonte-MG

Modalidade: celebração em Libras, voltada à comunidade surda e seus familiares.

A celebração no dia 09 de setembro ocorreu a festa da padroeira do curato Nossa Senhora do Silencio, uma organização especialmente feita para os surdos, onde a cada sábado ocorre a celebração eucarística em Libras.

Durante toda a celebração a assembleia permanece assentada para que haja uma facilidade na comunicação, visto que a comunicação em Libras é visual.

O comentário inicial da celebração foi feita por uma surda, a qual lembrou a importância da celebração para sua comunidade.

A procissão de entrada foi feita em silencio. O padre, que também é interprete de Libras, beija o altar e faz a acolhida em libras, lembrando a importância da Virgem do Silencio para a comunidade surda.

Os ritos iniciais são todos feitos a partir de um olhar atento a comunidade, tendo em vista a participação efetiva. Durante as respostas e no hino de louvor uma surda suscita a comunidade a copiar sua sinalização.

A oração do dia é feita em Libras pelo sacerdote.

As leituras são traduzidas e lidas pelos próprios surdos que frequentam a comunidade.

Já o Evangelho, é feito oralmente pelo padre, assim como a homilia e interpretada em libras.

Uma coisa chama atenção no ambão utilizado pela comunidade. A palavra Éffata é gravada no ambão, palavra que tem grande significado para a cultura surda.

A oração do credo assim como o hino de louvor é suscitado por uma surda para que a assembleia copie.

As preces da comunidade chamam a atenção visto que são preces espontâneas. Os surdos que estão na assembleia sobem ao presbitério para apresentar seus pedidos a Deus.

Na apresentação das oferendas, nota-se a presença de um ministro extraordinário da eucaristia surdo. Que auxilia o padre juntamente com um seminarista, também interprete.

O padre apresenta os dons e faz as orações em libras para após fazer os gestos previstos no missal.

Durante a liturgia eucarística, principalmente no memorial, o padre faz a sinalização e depois os gestos litúrgicos previstos.

Durante as intercessões é lembrado aqueles surdos falecidos que fizeram parte na comunidade sendo grandes ativistas da comunidade surda.

Neste dia a comunhão aconteceu em duas espécies, por isso o sacerdote distribuiu a assembleia. Porém, segundo relatos, a comunhão é distribuída pelo ministro extraordinário da comunhão, que também é surdo.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, expresso minha gratidão a Deus por seu imenso amor para comigo e por me chamar a trabalhar com a Pastoral do Surdo, animando e inculturando aqueles que há muito foram esquecidos pela sociedade.

Agradeço sinceramente aos amigos pelo constante incentivo durante a árdua jornada deste trabalho. Foram horas sem sono, mas o resultado valeu a pena, considerando a importância de apresentar esta proposta ao mundo.

À figura exemplar do Padre Danilo, meu orientador, expresso minha profunda gratidão. Ele soube conduzir sabiamente as etapas deste artigo, dedicando seu valioso tempo para me orientar de maneira eficaz.

Também agradeço à FAPEMIG, cujo apoio e incentivo foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Por fim, dedico meus agradecimentos aos verdadeiros protagonistas deste projeto: os surdos e a Pastoral do Surdo. Graças ao incentivo e às orações de cada um, encontrei forças para superar desafios e realizar este trabalho